

O BEM-ESTAR SUBJETIVO DE ACADÊMICOS DA ÁREA DA SAÚDE: POSSÍVEIS FATORES ASSOCIADOS

Hugo Leonardo da Silva Pereira; Celina Aparecida Gonçalves Lima; Lara Heloisa Ramos Mendes; Júlia Verônica Soares Ferreira; Cleidilene Muniz de Oliveira; Ana Cristina de Oliveira; Maria de Fatima de Matos Maia.

Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES, Grupo Integrado de Pesquisa em Psicologia do Esporte/exercício e Saúde, Saúde Ocupacional e Mídia- GIPESOM, Acadêmico de Iniciação Científica Bolsista do BIC/UNI

RESUMO

Objetivou-se verificar fatores de interveniência no bem-estar subjetivo de estudantes universitários dos cursos da área da saúde em uma universidade pública na cidade de Montes Claros-MG. A amostra foi composta por 184 acadêmicos, sendo biologia (38), educação física (97), enfermagem (17) e odontologia (32). Todos os participantes apresentavam o mesmo grau de instrução: ensino superior incompleto. Os estudantes foram informados sobre os objetivos da pesquisa e sobre a preservação do anonimato. Os questionários foram aplicados em cada sala de aula, selecionada por equipe treinada, sob a supervisão dos pesquisadores responsáveis pelo projeto. Após o preenchimento, os estudantes depositaram os questionários em um envelope sem identificação. Os universitários que concordaram em participar assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Para descrever os acadêmicos quanto às variáveis analisadas foram utilizadas frequências simples e relativas. Já para as análises inferenciais utilizou-se o “teste t”. Tudo foi computado e analisado através do software SPSS-IBM 22.0 *for Windows*. O nível de significância foi de $p \leq 0,05$. O presente estudo identificou que os acadêmicos investigados apresentaram fatores intervenientes, definidos nesta pesquisa, para o bem-estar subjetivo apenas quanto à classe econômica.

Palavras-chave: bem-estar subjetivo, saúde, universitários.

ABSTRACT

This study aimed to verify intervening factors in subjective well-being of college students from courses of health area at a public university in the city of Montes Claros, Minas Gerais. The sample consisted of 184 students, being biology (38), physical education (97), nursing (17) and dentistry (32). All participants had the same level of education: incomplete higher education. The students were informed about the research objectives and the preservation of anonymity. The questionnaires were applied in each classroom, selected by trained staff under the supervision of the researchers responsible for the project. After filling, the students placed the questionnaires in an envelope without identification. The students who agreed to participate signed a Term of Free and Clarified Consent. To describe academics about variables analyzed, simple and relative frequencies were used. As for inferential analyzes we used the "t test". Everything was computed and analyzed using SPSS 22.0-IBM software for Windows. The level of significance was set at $p \leq 0.05$. This study identified that investigated academics presented intervening factors, defined in this research, for the subjective well-being only about economic social class.

Keywords: subjective well-being, health, college students.



INTRODUÇÃO

O bem-estar subjetivo (BES) é marcado pelas emoções e experiências que as pessoas têm no dia a dia seja no trabalho, nos estudos ou em suas vivências pessoais. Os estudantes da área da saúde compartilham dos mesmos sentimentos, emoções e experiências. A preocupação com a dor, as doenças e o sofrimento dos seus clientes ou pacientes são inerentes às profissões que prestam assistência à saúde. Os cursos da área da saúde aqui estudados enquadram-se nesse perfil. Os estudantes, durante as suas práticas nos estágios, deparam-se com situações que podem despertar emoções negativas ou positivas, de modo que isso possa motivá-las a continuar nesse ramo ou desmotivá-las (FILIZOLA, 1997).

Quando se deparam com doentes terminais, graves ferimentos, doenças crônicas ou agudas, o abandono e a carência dos enfermos, eles ficam sujeitos a reações de aflição, apreensão e inquietude no exercício de sua função. O cuidado com a saúde da população assistida implica não apenas em situações e condutas de vida e morte, mas principalmente na reflexão sobre suas experiências e emoções (PERBONE; CARVALHO, 2010).

A formação dos enfermeiros, educadores físicos, dentistas e biólogos centram-se nas dimensões e representações éticas, sem se preocupar com o sofrimento, a dor e a morte dos pacientes ou clientes que serão atendidos por eles. Uma vez que os cursos de graduação priorizam o estudo das patologias e de que maneira tratá-las, direcionado na doença do ponto de vista biológico e terapêutico, concedendo pouca importância aos dilemas emocionais dos pacientes, clientes e dos próprios profissionais, agindo de forma fria e calculada (PERBONE; CARVALHO, 2010).

O bem-estar subjetivo (BES) dos acadêmicos da área da saúde surge principalmente nos primeiros contatos com os enfermos durante os estágios clínicos, podendo gerar medo, ansiedade, tensão, satisfação, felicidade, euforia, entre outros. Estas emoções podem interferir na vida acadêmica de aprendizagem deles e/ou posteriormente profissionalmente de forma negativa ou positiva, dependendo da bagagem vivenciada (CREMONESE; MARQUES, 2011).

O estresse e a ansiedade relacionam-se com a inexperiência dos estudantes que ainda não estão preparados para lidar com as situações críticas dos hospitais, clínicas, consultórios, academias e campos de pesquisas, somados com as horas de estudos teóricos das patologias que venham a acometer a população e a melhor forma de atuação em sua área específica para ajudar os enfermos a se recuperarem de tais doenças. A ansiedade, apesar de ser um estímulo que tem como função de proteção contra os perigos e ameaças, se não for mantida dentro dos níveis suportáveis, deixa de ser um estímulo saudável para se tornar nociva (SADALA, 1994).

Durante a sua formação eles estão cercados de preocupações, características de formação profissional e que podem ser tornar estressoras. Há um confronto entre o que aprendem na teoria e a realidade da prática, cumprimento da carga horária semanal extensa de estudos, as atividades extras (grupos de pesquisa, projetos de extensão, monitoria, eventos e cursos) e o estágio curricular obrigatório (MONTEIRO; FREITAS; RIBEIRO, 2007).

Segundo Fredrickson (1998) as emoções positivas podem auxiliar as pessoas nas suas ações individuais do dia a dia de maneira momentânea ou permanente e assim promovendo o bem-estar e a saúde dos mesmos.

O bem-estar subjetivo abrange uma grande área, e não se restringe a um único construto. Visto que o bem-estar subjetivo contém componentes separados, como o afeto positivo, baixos níveis de afeto negativo e a satisfação de vida (DIENER, 2000).

Os relacionamentos interpessoais e o estado civil das pessoas são correlatos do bem-estar subjetivo, pois os indivíduos não conseguem permanecer sozinhos, eles necessitam de estabelecer relações sociais positivas com outros indivíduos para o seu próprio bem-estar. Estudos mostram que pessoas casadas com relacionamentos estáveis relatam mais felicidade do que aquelas solteiras, viúvas, divorciadas e separadas, sendo assim o estado civil pode ser um correlato para o bem-estar subjetivo. Esse fato se aplica para ambos os sexos, de todas as idades, níveis socioeconômicos, origens étnico-raciais e graus de instrução (DIENER; SELIGMAN, 2004).

Há uma grande gama de estudos acerca do BES, visto que estes têm como finalidade ampliar os conhecimentos sobre o tema. Os estudos e pesquisas que envolvem o bem-estar subjetivo e suas características dizem que ele é de grande relevância no entendimento e conhecimento do ser humano por meio de suas potências, virtudes e forças (PASSARELI; DA SILVA, 2007).

Entre as características que compõem o bem-estar subjetivo do ser humano é o seu estado de saúde, ou ainda, o estado de saúde de um parente próximo. Sendo assim, pode afetar emocionalmente as pessoas e elas teriam que enfrentar esses obstáculos no seu dia a dia. Os estudantes da área da saúde se deparam com situações semelhantes ao longo de toda a sua vida acadêmica tanto quando estão doentes ou quando estão com parentes próximos doentes ou ainda quando estão em contato com os clientes (pacientes) durante o seu estágio curricular obrigatório. (STAMBOR, 2005).

Assim, esse estudo tem como objetivo verificar os possíveis fatores de interveniência no bem-estar subjetivo de estudantes universitários dos cursos da área da saúde em uma universidade pública no norte de Minas Gerais.

MATERIAIS E MÉTODOS

AMOSTRA

O presente estudo é um recorte do projeto Comportamentos de Risco para a saúde dos universitários, no norte do estado de Minas Gerais, realizado pelo GIPESOM (Grupo Integrado de Pesquisa em Psicologia do Esporte, Exercício e Saúde, Saúde Ocupacional e Mídia). Trata-se de um estudo transversal, cuja população-alvo foi constituída por estudantes matriculados nos cursos presenciais de uma universidade pública, em 2013.

A amostra foi composta por 184 acadêmicos, sendo biologia (38), educação física (97), enfermagem (17) e odontologia (32). Todos os participantes apresentavam o mesmo grau de instrução (ensino superior incompleto).

PROCEDIMENTOS

Os estudantes foram informados sobre os objetivos da pesquisa e sobre a preservação do anonimato. Os questionários foram aplicados em cada sala de aula, selecionada por equipe treinada, sob a supervisão dos pesquisadores responsáveis pelo projeto. Após o preenchimento, os estudantes depositaram os questionários em um envelope sem identificação. Os universitários que concordaram em participar assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Este estudo foi realizado com base na Resolução Nº 466, de 12 de Dezembro de 2012 do Conselho Nacional de Saúde (CNE), que preza pelo respeito e dignidade humana e proteção devida aos participantes das pesquisas científicas envolvendo seres humanos, considerando as questões de ordem ética suscitadas pelo progresso e pelo avanço da ciência e da tecnologia, enraizados em todas as áreas do conhecimento humano sem causar nenhum tipo de prejuízo a qualquer uma das partes, nem os pesquisadores e nem ao grupo pesquisado.

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética da Universidade Estadual de Montes Claros através do parecer consubstanciado Nº 798.135/2014.

INSTRUMENTOS DE MENSURAÇÃO

Foram utilizados os seguintes instrumentos: a) um questionário estruturado *Youth Risk Behavior Survey – College* (YRBS-C), com as variáveis do estudo: idade, sexo, estado civil, cor de pele, trabalho e classe econômica; b) um instrumento específico, o questionário de Kozma e Stones (1980), *Memorial University of Newfoundland Scale of Happiness* - MUNSH, que analisa a questão das medidas na área de saúde mental ou bem-estar subjetivo, que são importantes para serem investigados na população dos 15 aos 80 anos.

O MUNSH foi projetado para medir aspectos de bem-estar a curto e a longo prazos. Esse questionário consiste em 10 afetos (5 afetos positivos e 5 afetos negativos) e 14 experiências (7 experiências positivas e 7 experiências negativas). Para Maia e Vasconcelos-Raposo (2009), o modelo, baseado em uma revisão extensa da literatura realizada pelos seus autores, agrupa variáveis de predição em seis categorias: satisfações subjetivas, características demográficas, atividades sociais e atividade física, eventos de vida estressantes, fatores ambientais e fatores de personalidade.

PROCEDIMENTOS ESTATÍSTICOS

Para descrever os acadêmicos, quanto às variáveis analisadas foram utilizadas frequências simples e relativas. Já para as análises inferenciais utilizou-se o “teste t”. Todos os avaliados pelo software SPSS-IBM 22.0 *for Windows*. O nível de significância foi de $p \leq 0,05$.

RESULTADOS

Tabela 1 – Características descritivas da amostra

Variável	Categoria	N	%
Idade	Acima de 21 anos	50	27,2
	Até 21 anos	134	72,8
Sexo	Feminino	128	69,6
	Masculino	56	30,4
Cor de pele	Branca	76	41,3
	Outra	108	58,7
Estado civil	Com companheiro	14	7,6
	Sem companheiro	170	92,4
Trabalha	Não trabalha	113	61,4
	Trabalha	71	38,6
Classe Econômica	Classe A e B	37	20,1
	Classe C e D	147	79,9
Curso	Biologia	38	20,7
	Educação Física	97	52,7
	Enfermagem	17	9,2
	Odontologia	32	17,4
BES	Acima da média	112	60,9
	Abaixo da média	72	39,1

A amostra foi composta por 184 acadêmicos. Os resultados evidenciaram maiores percentuais para acadêmicos até 21 anos de idade (72,8%), sexo feminino (69,6%), etnia outro (58,7%), não trabalha (61,4%), curso de Educação Física (52,7%), BES acima da média (60,9%), classe econômica C e D (79,9%) e Estado Civil sem companheiro (92,4%). As demais informações estão apresentadas na tabela 1.

Tabela 2- Resultados do Teste T dos fatores que intervinientes no bem-estar subjetivo

Variável	Categoria	N	Média	Dp	t	Valor p
Idade	Acima de 21 anos	50	3,3	2,7	,431	,667
	Até 21 anos	134	3,1	2,8		
Cor de pele	Branca	76	2,9	3,1	-1,062	,289
	Outra	108	3,3	2,6		
Estado civil	Com companheiro	14	3,9	2,6	1,173	,242
	Sem companheiro	170	3,1	2,8		
Trabalha	Não trabalha	113	3,1	3,0	-,317	,752
	Trabalha	71	3,21	2,5		
Classe Econômica	Classe A e B	37	4,0	2,2	2,118	0,036
	Classe C e D	147	2,9	3,0		

A tabela 2 apresenta os resultados do “teste t” dos fatores intervinientes no BES quanto a idade ($p = ,667$), cor de pele ($p = ,289$), estado civil ($p = ,242$), trabalha ($p = ,752$) e classe econômica ($p = 0,036$), indicando que apenas a classe econômica apresentou diferença significativa.

Discussão

Este estudo tem como objetivo verificar os possíveis fatores de interveniência no bem-estar subjetivo de estudantes universitários dos cursos da área da saúde em uma universidade pública no norte de Minas Gerais. Nesse cenário, foi apontado que o fator socioeconômico é interviniente no bem-estar subjetivo dessa amostra investigada, opondo-se à literatura já existente.

Um estudo realizado com universitários na região metropolitana de uma capital de estado da região sul do Brasil analisou os eventos que pudessem influenciar no bem-estar subjetivo dos mesmos. Os problemas financeiros (socioeconômicos), que é um evento relacionado à satisfação de vida, não apresentaram diferenças significativas ($D = - 0,46$) (WOYCIEKOSKI; NATIVIDADE; HUTZ, 2014).

Fernandes (2014) realizou um estudo também com universitários analisando o bem-estar subjetivo dos mesmos, os quais apresentaram uma maior percentagem de idade igual ou inferior a 22 anos de idade (82,4%), assemelhando com este estudo, que apresentou uma maior percentagem de idade até 21 anos de idade (72,8%). Outro dado que também se assemelhou a este estudo foi o estado civil dos estudantes investigados. A maioria não tinha companheiro (91,8%) e neste estudo a percentagem também foi maior (92,4%). Contudo, os níveis socioeconômicos dos dois estudos se diferem, visto que a maioria dos estudantes do estudo de Fernandes (2014) respondeu que o seu nível socioeconômico é médio (83,5%). Já os estudantes desta pesquisa responderam em sua maioria que o seu nível socioeconômico é C ou D (79,9%), ou seja, baixo.

Para Diener e Seligman (2004), os indicadores econômicos são fatores intervenientes, na qual as pessoas desenvolvem um sentimento de frustração quando não conseguem acompanhar o crescimento econômico e rendimento de colegas de profissão, vizinhos, parentes e amigos, corroborando para os achados desta investigação.

Assim como os estudos de Dela Coleta e Dela Coleta (2006) e o Passareli-Carrazzoni e Da Silva (2012), outros levaram em consideração apenas os comportamentos dos acadêmicos universitários dos grupos pesquisados, apenas na perspectiva e no âmbito universitário, levando em consideração os aspectos afetivos e as experiências vivenciadas nesse meio, sem interferência social, amorosa ou financeira.

Nessa perspectiva de estudar o bem-estar subjetivo de universitários, o interesse por construtos tem aumentando nas últimas décadas. Sendo assim, uma gama de características e fatores estudados com essa amostra não para de crescer. Nesse sentido, pesquisas que se preocupam em verificar o poder de predição das dimensões do locus de controle interno, externo e afiliado, somam-se as demais pesquisas já existentes, sem cessar o interesse em decifrar os fatores que possam intervir no bem-estar subjetivo de universitários (ALBUQUERQUE; NORIEGA; MARTINS; MARTINS; NEVES, 2008).

Para Dela Coleta e Dela Coleta (2006), Passareli-Carrazzoni e Da Silva (2012) e Woyciekoski, Natividade e Hutz (2014), poucos são os estudos acerca do bem-estar subjetivo com estudantes universitários C, visto que os estudos que já existem na literatura buscam analisar o bem-estar subjetivo destes a partir de fatores diferentes, utilizando-se de questionários distintos dos apresentados neste estudo. Por isso, a dificuldade de encontrar estudos com essa mesma população aplicando os mesmos questionários com os mesmos fatores investigados, e logo em seguida fazer um comparativo com os achados dos diversos estudos para se ter um parâmetro, visto que, o estudo do bem-estar subjetivo (BES) de universitários ainda é limitado e restrito.

CONCLUSÕES

Foi observado que os acadêmicos da área da saúde, em sua maioria, com idade até 21 anos, do sexo feminino, com outra cor de pele que não seja a branca, não trabalham, são do curso de Educação Física, com a classe econômica C ou D e com estado civil sem companheiro possuem o bem-estar subjetivo acima da média.

O presente estudo identificou que os acadêmicos investigados apresentaram fatores intervenientes, aqui pesquisados, para bem-estar subjetivo apenas com relação à classe econômica. Portanto, sugere-se que outros estudos acerca do bem-estar subjetivo com fatores diferentes sejam realizados com esses acadêmicos dos cursos da área da saúde.

Pelos resultados alcançados neste trabalho e a crescente preocupação com o bem-estar subjetivo de estudantes universitários, sugere-se que se dê continuidade aos estudos envolvendo o tema, embora seja importante considerar a escolha de outros bons instrumentos de avaliação como o primeiro passo da pesquisa devido à subjetividade do tema.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, F. J. B.; NORIEGA, J. A. V; MARTINS, C. R.; NEVES, M. T. S. *Locus de controle e bem-estar subjetivo em estudantes universitários da Paraíba. Psicol. Am. Lat.* periódico on line. 2008.
<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870-350X2008000200011&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 10/03/2016.
- DELA COLETA, J. A.; DELA COLETA, M. F. Felicidade, bem-estar subjetivo e comportamento acadêmico de estudantes universitários. **Psicologia em Estudo**, 2006; 11 (3): 533-539.

CREMONESE, T. S.; MARQUES, I. R. Significados das primeiras experiências do estudante de enfermagem nos estágios clínicos. **Rev Enferm UNISA**, 2011; 12 (2): 94-99.

DIENER, E. Subjective Well-Being: The science of happiness and a proposal for a national index. **American Psychologist**, 200; 55 (1): 34-43.

DIENER, E; SELIGMAN, M. E. P. Beyond Money: toward an economy of well-being. **Psychological Science in the public interest**, 2004; 5 (1): 1-31.

FERNANDES, S. S. M. **Ajustamento acadêmico e suporte social: contributos para o bem-estar no ensino superior**. Dissertação de Mestrado. Universidade Portuguesa, Porto, Portugal, 2014.

FILIZOLA, C. L. A.; FERREIRA, N. M. L. A. O envolvimento emocional para a equipe de enfermagem: realidade ou mito? **Rev Latino-am Enfermagem**, v.5, p. 9-17, 1997.

FREDRICKSON, B. L. What good are positive emotions? **Review of General Psychology**, v.2, n.3, p. 300-319, 1998.

FREIRE, S. A. **Bem-estar subjetivo e metas de vida: um estudo transversal com homens e mulheres pertencentes a três faixas de idade**. Tese de Doutorado Não-Publicada, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.

KOZMA, A.; STONES, M. J. THE MEASUREMENT OF HAPPINESS: THE DEVELOPMENT OF THE MEMORIAL UNIVERSITY OF NEWFOUNDLAND SCALE OF HAPPINESS (MUNSH). **JOURNAL OF GERONTOLOGY**. V. 35, P. 906–912, 1980.

MAIA, M. F. M. VASCONCELOS RAPOSO, J.J.B. **Bem-estar psicológico, depressão, autoestima e índice de massa corporal em jovens adolescentes da cidade de Montes Claros, Estado de Minas Gerais - Brasil**. Vila Real, Portugal: [s.n], 2009.

MARKONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MONTEIRO C. F. S.; FREITAS, J. F. M.; RIBEIRO, A. A. P. Estresse no cotidiano dos alunos de enfermagem da UFPI. Esc Anna Nery. **Rev Enferm**. V.1, n.11, p.66-72, 2007.

PASSARELI-CARRAZZONI, P; DA SILVA, J. A. Bem-estar subjetivo: autoavaliação em estudantes universitários. **Estudos de Psicologia**. Campinas. v.29, n.3, p.415-452, Jul-Set, 2012.

PERBONE, J. G.; CARVALHO, E. C. Sentimentos de estudantes de enfermagem em seu primeiro contato com pacientes. **Rev Bras Enferm**, Brasília v. 64, n. 2, Mar-Abr, 2011.

SADALA, M. L. A. Estudo da ansiedade como variável no relacionamento aluno-paciente. **Rev Latino-Am Enfermagem**, v.2, n.2, p.21-35, 1994.

SALOVEY, P.; ROTHMAN, A. J.; DETWEILER, J. B.; STEWARD, W. T.. Emotional states and physical health. **American Psychologist**, v.55, n.1, p. 110-121, 2000.

WOYCIEKOSKI, C; NATIVIDADE, J.C.; HUTZ, C. S. As contribuições da personalidade e dos eventos da vida para o bem-estar subjetivo. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**. v.30, n.4, p. 401-409, Out-Dez, 2014.

STAMBOR, Z. People in PRR health are happier than others think. **American Psychology**. V.36, n.4, 2005.